

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1,5200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1,5000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



D. Theotonio Manuel Ribeiro Vieira de Castro
Bispo de Meliapôr

SUMMARIO

Texto

D. Theotónio, Bispo de Meliapôr.
Chronica quinzenal, por P.
Secção piedosa: Indicador religioso; Evangelho; Apostolado da Oração; Pensamentos sobre a Sagrada Eucharistia, por P.
Questões actuaes: Tristes effeitos, por A. Moreira Bello.
Documentos pontificios: Carta de S. Santidade Pio X.
Litteratura: A Exaltação da Santa Cruz (de Huysmans) trad. de B. da Costa Pereira.

As nossas gravuras.

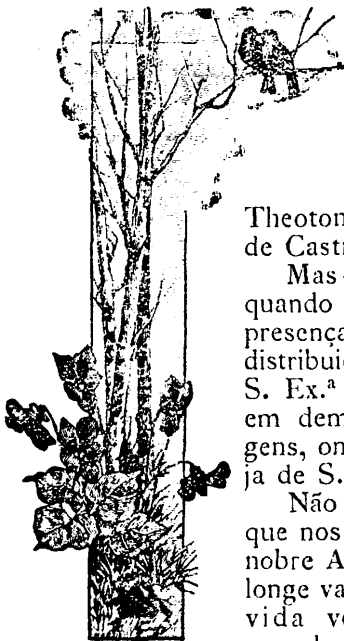
Secção poetica: Jesus (poesia) por ***.
Boletim scientifico: O systema Kneipp pelo Dr. ***.
Retrospecto da Quinzena.
Bibliographia.

Gravuras

D. Theotónio, Bispo de Meliapôr.
Os heroes da nossa epopeia indiana: Affonso d'Albuquerque, D. Francisco d'Almeida, D. João de Castro.

D. Theotónio Manuel Ribeiro Vieira de Castro

Bispo de Meliapôr



VESTE-SE de galas o *Progresso Catholico*, homenageando em seu numero d'hoje o muito illustre Prelado de Meliapôr, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D.

Theotónio Manuel Ribiro Vieira de Castro.

Mas — coincidencia triste — fal-o quando nos vemos privados da sua presença entre nós, pois que, ao ser distribuido o presente numero, já S. Ex.^a Rev.^{ma} irá longe da patria, em demanda das longinquas paragens, onde fica a antiquissima egreja de S. Thomé de Meliapôr.

Não podemos conter a magua que nos invade pela ausencia do nobre Antistite, pois que para bem longe vae continuar a exercer a sua vida verdadeiramente apostolica, quando na hora actual no solo portuguez se necessitava de Bispos da envergadura moral

de S. Ex.^a Rev.^{ma}.

Mas chamou-o o dever, e o apostolo partiu, deixando, porém sulcos luminosos na sua passagem a attestarem perennemente o seu nome beindito.

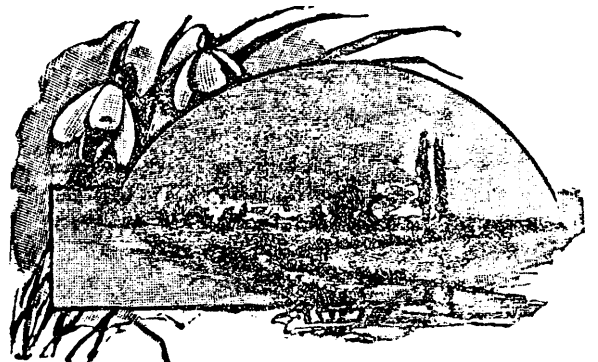
Devido exclusivamente á sua iniciativa e ao seu trabalho, eis que se vae desde já construir, aqui no Porto, uma egreja, a do recolhimento do Bom Pastor, em desagravo ao Sagrado Coração de Jesus.

A subscrição, que vem sendo publicada nos jornaes, já attingiu uma bella somma, e tudo isto é devido a S. Ex.^a Rev.^{ma}.

Aqui está, pois, o que todos nós lucramos com a estada do venerando Bispo na sua terra natal, onde viera convalescer de graves incommodos!

E', por conseguinte, mais um padrão immorreitoiro, que ha de attestar d'ora ávante as virtudes apostolicas do actual Bispo de Meliapôr.

Terminando, só nos cumpre agora exarar os nossos protestos de verdadeira veneração e estina, e orar a Deus pela conservação da preciosa vida de S. Ex.^a Rev.^{ma} porque com isso muito lucrará a Religião e a Patria, pois já são muitos e importantes os serviços prestados pelo venerando Bispo a ambas, nas terras indianas, antigo theatro das glorias portuguezas.



Chronica Quinzenal

A paz entre as duas nações belligerantes, Russia e Japão, é o assumpto que actualmente prende a attenção do mundo.

Devido aos bons officios do presidente Roosevelt, as duas nações enviaram os seus representantes aos Estados Unidos da America, estabelecendo em Portsmouth as sessões da Conferencia da Paz.

Pela parte da Russia é plenipotenciario o conselheiro Witte, e pela do Japão, Rosen.

Segundo as noticias que parecem mais auctorizadas, a Russia já admittiu, ainda que com certas modificações de redacção, algumas das clausulas dos japonezes.

Pediam estes, com effeito, o protectorado sobre a Coreia, e pelo artigo 1.º tal como foi redigido definitivamente a instancias, da Russia, o Japão reconhece a soberania da dynastia coreana, reconhecendo-lhe porém a Russia o direito de dar conselhos á dita dynastia e prestar-lhe apoio para melhorar a administração d'aquelle paiz.

O art.º 2.º, que tambem foi approvedo, refere-se á evacuação da Mandchuria, e sua devolução á China. O 3.º ao troço mandchuriano do grande caminho de ferro da Sibéria. O 4.º a Porto Arthur e á sua peninsula.

Os que tem soffrido mais discussão são o da indemnisação de guerra, e o da ilha Sakalina, de que ha pouco facilmente se apoderaram os japonezes, e o das forças maritimas que a Russia tem de conservar no extremo Oriente.

Um symptoma muito favoravel da proxima paz é a Russia ter já admittido uma explicação official da sua derrota, na declaração de não estar preparado o Imperio para a guerra.

O facto de ainda estarem em armas d'ambos os lados, na Mandchuria, algumas centenas de milhares de homens com grandes couraçados e praças fortes, não implica nada contra a paz.

Por causad'estes ultimos artigos chegaram a ser suspensas as conferencias de Portsmouth, porque a Russia nega-se a subscrever o pagamento de indemnisação, cessão da Sakalina, limitação de praças, e entrega de vasos de guerra, refugiados nos portos neutros. Realmente são durissimas estas condições exigidas pelo Japão.

Ha quem diga que elle pede estas quatro cousas com mira de obter só duas d'ellas: a indemnisação e a ilha de Sakalina, cedendo nas outras, e que a Russia se contentará por ultimo, com a faculdade de augmentar as suas forças e com seus barcos, admittindo a perda da ilha e a indemnisação, se bem que esta terá que ser disfarçada em alguma formula que ponha a salvo o orgulho moscovita. Se assim fosse a paz seria um facto, porém ainda não chegaram a accordo sobre estes pontos importantissimos.

Aguardemos, pois, os acontecimentos.

Novidade realmente importante é a publicação pelo Czar, de um codigo politico, especie de carta outhorada ou Estatuto real, creador d'um regimen representativo atenuadissimo; estabelece-se, com effeito, uma Camara com faculdades meramente consultivas e deliberativas, não sobre todas as materias politicas mas sobre algumas previamente assignaladas; o Czar fica na plenitude da sua soberania.

A Assembleia terá de deliberar secretamente.

P.



Secção piedosa

Indicador religioso da quinzena

Setembro

- 1—Sext. (Abst. de carne) S. Egydio, Ab.
- 2—Sab. S. Estevão, rei da Hungria.
- 2—Dom. (12.º depois do Espirito Santo) Santa Euphemia, V. M.
- 4—Seg. Transladação de Santa Rosa de Viterbo.
- 5—Terç. S. Antonino, M.
- 6—Quart. Os Ss. da Ordem dos Conegos Regrantos.
- 7—Quint. Santa Regina, V. M.
- 8—Sext. (Abst. de carne) Dia santo abolido. Natividade de N. Senhora.
- 9—Sab. S. Sergio, P.
- 10—Dom. (13.º depois do Espirito Santo) O SS. Nome de Maria.
- 11—Seg. S. Vicente, Ab.
- 12—Terç. S. Juvencio, B.
- 13—Quart. S. Philippe, M.
- 14—Quint. Exaltação da Santa Cruz.

Evangelho

(13.ª Dominga depois do Pentecostes)

N'aquelle tempo, indo Jesus para Jerusalem, passava pelo meio da Samaria e da Galileia. E ao entrar n'uma aldeia, sahiram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quaes pararam de longe, e diziam em alta voz: «Jesus Mestre, tem compaixão de nós.» Jesus, tanto que os ouviu, disse-lhes: «Ide mostrar-vos aos sacerdotes.» E resultou, quando iam no caminho, ficarem limpos. E um d'elles, quando viu que ficara limpo, voltou atraz, engrandecendo a Deus em altas vozes, veio lançar-se a seus pés com o rosto em terra, dando-lhe as graças: e este era Samaritano. E respondendo Jesus disse: «Não é assim que todos os dez foram curados? E os nove onde estão? Não se achou quem voltasse, e viesse dar gloria a Deus, senão só este estrangeiro.» E disse para elle: Levanta-te, vae, que a tua fé te salvou.»

(S. Lucas, cap. XVII, 11-19.)

Apostolado da Oração

Intenção geral de setembro: O clero.

Oração quotidiana durante omeiz: Dulcissimo Coração de Jesus, eu vos offereço, por meio do Coração Immaculado de Maria, as orações, obras e scffrimentos d'este dia, em reparação de nossas offensas e por todas as intenções, pelas quaes vos immolae continuamente sobre o altar. Eu vol-as offereço em particular pela multiplicação e santificação do clero.

Resolução apostolica: Orar pelos sacerdotes e auxilia-os no seu ministerio.

Pensamentos sobre a Sagrada Eucharistia

Eu não quero outro Pão que o de Deus, o Pão celestial, o Pão da vida, o Pão que não é outra cousa senão a carne de Jesus Christo, Filho de Deus; porque n'este manjar encontro os sentimentos da caridade incorrupta, o auxilio de uma vida duradoira segundo o espirito, que me faz ter por desprezivel a vida corporal e humana.

S. Ignacio de Antiochia

*

O Pão Eucharistico dá forças para vencer o peccado,



OS HEROES DA NOSSA EPOPEIA INDIANA—Afonso d'Albuquerque

(2.º vice-rei da India)

sacia o espirito faminto dos bens verdadeiros e conserva a vida da graça.

B. Alberto Magno.

*

Tres são as causas pelos quaes Jesus Christo instituiu o Sacramento do Altar: deixar aos homens uma recordação viva de si mesmo, quando subisse aos céus; e dar-lhes uma victima com que offerecessem o verdadeiro sacrificio, e subministrar-lhes um alimento espiritual.

E isto para remediar tres antigos males em que o homem havia cahido, que eram: o olvido de Deus, o furto da sua gloria abusando das creaturas, e a corrupção, fructo do peccado.

S. Thomaz.

*

O manjar eucharistico conforta pouco ou muito conforme o desejo de quem o recebe.

Santa Catharina de Senna.

*

Recebemos a este Senhor, e sempre estamos famintos; deixamol-o entrar em nossos peitos e não o sentimos, passa por nós e ficamos pobres e mendigos; é fogo vivo, e ainda não nos acalenta; é rico, e ainda não nos deixa uma esmola, é luz e não nos alumia; é remedio e medico, e não nos sara; vida e não nos resuscita. Qual é a causa? Que somos maus e o recebemos mal; somos carnaes, e recebemol-o só com a bocca da carne; estão o coração e a alma cheios de terra, e não queremos esvasial-os d'ella nem arrojá-la de nós: por isso nos quedamos sem os bens do céu.

V. Fr. Pedro de Ulloa.

*

A Communhão eucharistica é uma especie de encarnação pessoal pela qual Jesus Christo se une da maneira mais intima a todo o christão que communga.

Raulica.

*

O poder que a Communhão nos dá sobre nós mesmos, sobre nossas paixões e sobre o mundo, a sublime santidade a que nos eleva, os prodigios de virtude que nos faz conhecer, começam já na terra nossa deificação, e revelam-nos a sua origem, justificando a verdade d'estas palavras: *Aquelle que comer d'este Pão viverá.*

* * *

*

O espirito de desordem tentou nossos primeiros paes, dizendo-lhes: *Comi d'esta arvore e sereis como deuses*, e creram-no, desobedecendo a Deus. Para remediar esta desordem, o Salvador nos prova por sua vez e nos diz: *Comi meu corpo, bebei meu sangue e vos tornareis deuses.* Por meio d'este admiravel equilibrio Christo conduz-nos de novo aos nossos primitivos destinos, e faz-nos chegar, através de todas as provas da nossa fé, ao glorioso termo a que nos dirigiamos pela senda das desordens do nosso orgulho.

Augusto Nicolas.

X.



Questões actuaes

Tristes effeitos

A caridade—a verdadeira caridade, e não a que falsamente se adorna com este bendito nome—é tanto uma virtude eminente e exclusivamente christã, que onde ou quando o christianismo diminue ou se entibia, se manifesta com estancamento ou uma quebra lamentavel nas obras beneficentes.

S. Paulo, o grande e sublime doutor das nações, fez da caridade christã aquella pintura brilhantissima, que só ignora quem não tem o minimo conhecimento das sagradas lettras; concluindo o seu entusiastico elogio por estas notabilissimas phrasas, que mostram o inegalavel quilate da mais celeste das virtudes:

«Agora emfim subsistem a fé, a esperanza e a caridade; são tres virtudes distinctas, mas a caridade é a mais excellente.»

Infelizmente, anda hoje entre nós tão deturpada a noção da caridade, qual ella é e qual a descreveu o ardente Apostolo, que, salvas dignas e honrosas excepções, a maioria não a conhece nem sabe pratical-a. As verdadeiras obras de caridade são poucas, e quasi não podem soffrer confronto com as de tempos passados.

Muito se ouve fallar em bailes de caridade, concertos de caridade, bazares de caridade, *kermesses* de caridade, rifas de caridade, tombolas de caridade, etc, etc, etc. O fim, que devemos suppor puro, poderá justificar os meios, mais ou menos dubios e tentadores? E onde ha verdadeira caridade, é necessario que o pensamento do goso ou o incentivo do ganho faça desatar os cordões á bolsa?

Pois este póde dizer-se o expediente hoje adoptado em todo o paiz para supprir os recursos que não póde ou não quer dar a verdadeira caridade.

Dissemos que não quer dar a verdadeira caridade, e não retiramos a expressão, que tem facil e clara explicação.

N'um d'estes ultimos annos, no relatorio da mesa d'uma das principaes misericordias do paiz, salientava-se e deplorava se o limitado numero e a parcimonia dos legados recebidos, com o que muito soffria a pobreza enferma.

Ora, se a accusada e lamentada deficiencia de legados tinha e tem em parte por causa a diminuição do espirito de caridade, tinha e tem talvez na maior parte por causa a miseravel e maldita politica partidaria, que em tudo mette o insolente nariz. Que a politica tratasse, honradamente, de eleições de deputados e da governação do paiz, estaria no seu proprio campo e no seu natural elemento. Mas não se limita a isso.

As municipalidades, que deviam ser pura e simplesmente corporações administrativas, convertem-se em corrilhos partidarios.

Mas ainda isto não é o peor.

As misericordias, cujo objecto devia ser a gerencia esculpulosa e economica do patrimonio dos pobres, são liça em que os partidos forcejam por firmar pé e dominar.

Os partidos politicos disputam as eleições das irmandades, confrarias, juntas de parochia, etc, cujo fim e cujo dever é attender ás necessidades do culto religioso e administrar os seus rendimentos respectivos.

O que a politica quer e faz em todas essas corporações, é do dominio publico e não precisa portanto de patentear-se.

Mas ainda ha mais. A politica, para encher as arcas do thesouro sempre vazias, obrigou as misericordias, confrarias, irmandades, etc., a converter os seus capitaes e as

suas propriedades em inscripções, sujeitas como todos os fundos ás fluctuações e incertezas do mercado, e que podem, n'um momento, não ter valor algum, com incalculavel prejuizo dos pobres e dos infirmos.

Ora, todas essas causas não serão razão, e devemos confessar justificada, para que as pessoas caridosas se retraiam, não querendo que o seu dinheiro, destinado a soccorro e allivio da indigencia, tenha uma applicação bem diversa, ou n'um dado momento se dissipe como fumo?

Não é justo, pois, que attribuamos só a falta de caridade a patente diminuição dos legados ou donativos destinados a obras beneficicas. E' ella effeito mais que tudo de leis mal pensadas, por um lado, e, por outro, dos procedimentos quotidianos e damninhos da politica partidaria, que, como as harpias de Virgilio, corrompe tudo em que toca.

A. MOREIRA BELLO.



Documentos Pontificios

Carta de Sua Santidade

A acção social catholica—O «non expedit»

A Nossos queridos filhos, o conde Estanislau Medolago Albani, professor José Toniolo e o commendador Paulo Pericoli, advogado.

PIO X, PAPA.

Queridos filhos, saude e benção apostolica

Sentimo-nos feliz, queridos filhos, em manifestar-vos, com palavras affectuosas e benevolas, a consolação trazida á Nossa alma pela mensagem em que um grande numero de catholicos quizeram expressar-Nos a sua gratidão pela Nossa ultima Encyclica aos Bispos de Italia, relativa ao desenvolvimento da acção social.

Se temos sempre como agradaveis as manifestações de respeito e amor de cada um dos fieis em particular, com maior razão nos consolam os testemunhos que, em circumstancias especiaes, alguns personagens consideraveis, fazendo-se, por assim dizer, o echo auctorizado dos sentimentos das diversas classes sociaes, entendem dever dar á Nossa pessoa, ou melhor ainda a este Poder supremo de que, sem merito algum da Nossa parte, quiz a Divina Providencia investir-Nos. Em casos d'estes, quanto mais d'alto vem o exemplo, tanto mais é edificante por si mesmo e tanto mais facilmente se torna efficaz e fecundo em fructos de bem.

Os nobres sentimentos que a mensagens encerra, não podiam ser mais conformes nem responder melhor aos desejos do Nosso coração. Mas o que admiramos com particular satisfação, foi a docilidade com que acolhestes as Nossas palavras. Declaraes-vos, sem reserva d'especie alguma, promptos a seguir da melhor vontade e com alegria os Nossos conselhos e a pôr em pratica os Nossos intentos que tendem unicamente á defeza da sociedade christã e a um saudavel despertar das antigas e novas energias, no interesse commum da Egreja e da patria, para a salvação das almas.

Não podieis, queridos filhos, dar-Nos, na hora presente, melhor conforto; sobretudo porque esta Encyclica, que



OS HEROES DA NOSSA EPOPEIA INDIANA—D. Francisco d'Almeida

(1.º vice-rei da India)

vos offereceu a oportunidade de declarar abertamente o vosso filial affecto á Nossa pessoa e a submissão plena e profunda ao Vigario de Jesus Christo, forneceu a muitos outros, sem algum fundamento de verdade, o pretexto de falsear as Nossas intenções. Foi assim que buscaram induzir em erro a opinião publica e a consciencia dos simples, tirando das Nossas palavras, puras e claras por si mesmas, um sentido muito differente do que Nós exprimiamos.

Por isso, queridos filhos, não podemos deixar de Nos lamentar pela mesma razão que levava o apóstolo S. Paulo a escrever aos corinthios estas palavras, que fazemos Nossas: «E' nossa honra, como o testemunha a nossa consciencia, que temos procedido com a simplicidade do coração e a sinceridade de Deus, e não com a sabedoria humana, mas segundo a graça de Deus n'este mundo, e sobretudo comvosco. Porque, em nossas cartas, não ha mais nada além do que n'ellas podeis ler e comprehender.» Assim como n'aquelle tempo a carta do grande apóstolo, a Nossa Encyclica sobre a acção catholica na Italia foi mal interpretada por alguns, como se Nós dissessemos uma coisa e quizessemos fazer perceber outra; e dahi a affirmacão de que, condescendendo com dispensas necessarias em casos particulares, tinhamos querido abandonar as gloriosas tradições do passado e renunciar aos direitos sacrosantos da Igreja e ás revindicações d'esta Cadeira apostolica.

Nós, que sempre tivemos o cuidado de falar aos fieis com aquella simplicidade que Jesus Christo tanto recomendou aos seus apóstolos, não podemos permittir que Nos façam a injustiça de tirar da Nossa carta o que ella não contém, o que nunca foi das Nossas intenções, e, peor ainda, a injustiça de vergar as Nossas palavras a um sentido contrario ao que ellas tinham. Mas esperamos que esta manifestação benevola dos Nossos sentimentos abrirá os olhos a todos os Nossos filhos que não deixam

de Nos ser queridos, ainda quando se transviam. Abrangemo-los todos no abraço paternal da divina caridade.

Vós, pois, queridos filhos, que mostraes querer corresponder ás Nossas intenções, prosegui no caminho indicado pela Encyclica; e, embora a tarefa confiada aos vossos cuidados seja apenas preliminar e provisoria, não desaniméis em face das difficuldades inevitaveis d'uma empresa que se estende a um campo tão vasto e que é d'um caracter tão complexo. Longo e paciente deverá ser necessariamente o trabalho de preparação, se quizerdes recolher fructos duradoiros das vossas fadigas; seria um erro querer entrever desde já os effectos immediatos d'uma obra que, sem duvida, reclama uma organização muito larga e completa de todas as forças catholicas da Italia.

Digne-se o Senhor escutar os votos ardentes da Nossa alma e dar-Nos a consolação de vermos todos os Nossos filhos unidos como irmãos pelo suave laço da paz e da caridade christã, sem rivalidades entre si, sem odios, sem rancores, animados todos da santa e alegre emulação de se santificarem a si e aos outros!

E' n'esta doce esperanza que vos concedemos a todos, queridos Filhos, a Benção apostolica, penhor da Nossa paternal benevolencia.

Roma, do Vaticano, 1 de agosto.

PIO X, PAPA.





OS HEROES DA NOSSA EPOPEIA INDIANA—D. João de Castro

(4.º vice-rei da India)

Litteratura

A Exaltação da Santa Cruz

— 1.º DE SETEMBRO —

(Fragmento de «L'Oblat» de Huysmans)

N'essa tarde, Durtal repetia então consigo mesmo a historia d'essa Exaltação da Cruz, que havia lido, de manhã, nos Lendarios da Edade Media.

A principio era a confusa evocação d'uma indecisa Asia, caricatural, quasi doida; depois a visão precisava-se, detinha-se sobre o raptor do patibulo sagrado, sobre o espantoso Khosroés que, no seculo XII, invadiu o territorio da Syria, tomou de assalto Jerusalem, que saqueou, apoderando-se do summo sacerdote Zacharias, e triumphalmente, transportou para o seu reino da Persia, o lenho da verdadeira cruz, deixado por Santa Helena nos proprios logares onde Christo havia soffrido.

Apenas entrado nos seus estados, o orgulho desmedido d'este homem explodiu; quiz ser adorado como o Senhor, e decretou tranquillamente que elle, em pessoa, era nem mais nem menos que Deus Padre.

Para se applicar inteiramente a este novo papel, abdicou a soberania nas mãos de seu filho, fez construir uma torre, cujas muralhas exteriores mandou revestir de placas de ouro, e n'ella se encerrou, no pavimento inferior, em uma sala cujas paredes eram de metaes preciosos e incrustadas de gemmas; depois quiz ter tambem o seu firmamento, como o Todo-Poderoso, e o tecto elevou-se a alturas vertiginosas e illuminou-se, o dia, por meio d'um sol habilmente preparado, e a noite, por uma perfeita lua em torno da qual scintillavam os fogos córados das estrellas ficticias; e não bastou isto; este céu immutavel, urdido por centenares de escravos, enfadou-o; exigiu as intemperies,

as chuvas, as tempestades das verdadeiras estações, e installou, no pinaculo da torre,apparelhos hydraulicos, que podiam a bel prazer distribuir a chuva fina dos tempos brumosos, as cargas de agua d'um dia hibernal e as gottas amigas das tardes de estio; e fez igualmente preparar o estampido das trovoadas, e pesadas carretas rolaram nos subterraneos da torre, sobre pavimentos metallicos, e abalaram os muros com o seu fragor de trovão.

Eutão julgou-se o indiscutivel avatar do Padre, e no fundo d'este poço guarnecido de lhamas de ouro e pontuado de pedrarias, fechado pela cupula d'um firmamento de theatro, sentou-se por fim sobre um throno, a cuja direita plantou a cruz do Salvador, emquanto que á esquerda cantava um gallo sobre uma pyramide de filigranas de prata brunida.

E assim entendia representar d'esta sorte o Filho e o Espirito Santo.

E os seus velhos subditos desfilaram deante d'este idolo pintado e mitrado, immovel dentro do seu manto de ouro, dardejando faiscas de todas as suas gemmas, que os raios luminosos dos falsos astros incendiavam, fulgurante, incombustivel, n'este braseiro de muros e de estofos todos em lavaredas.

Figuram-no entre a cruz e o gallo, sob a mitra em chammas, a cabeça de pergaminho, sulcada de rugas, a fronte e as faces sob o inducto das pastas, a barba anelada e entrançada, os olhos cavos e ermes, vivendo, sós, n'esta estatua de ouro, adulada pelas preces que subiam de redor d'ella, por entre os estonteantes vapores dos olibanos, preces que invocavam Deus Padre em nome de Jesus.

Quanto tempo durou esta mascarada? quatorze annos, diz a lenda; até ao momento em que o imperador Heraclius conseguia reunir um numeroso exercito e partia á procura da santa cruz.

Encontrou, junto ao Danubio, as tropas do raptor,

desafiou a combate singular seu filho e foi dar, na Persia, com o velho monarcha na sua torre.

Khosrcés ignorava que seu filho tivesse sido vencido, porque todos o aborreciam e ninguem se atrevia a dar-lhe esta noticia.

Pareceu rebentar de raiva quando viu entrar, seguido da sua côrte, o imperador Heraclius, que de espada em punho lhe disse:

— Oh Rei, tu tens, apesar de tudo, honrado a teu modo o madeiro de Christo; se porém consentires em confessar que não és mais que um homem e que não és por conseguinte senão o humilissimo servo do Altissimo, tens a vida salva. Tomarei apenas para mim a cruz de nosso Redemptor e permitir-te-hei reinar sobre os teus povos em paz. Pelo contrario, se recusares estas condições, mal te vae, porque morrerás immediatamente.

Ao ouvir-o, os olhos de Khosroés flamejaram, como as pupillas nocturnas dos velhos lobos, e ergueu-se para amaldiçoar o seu adversario e regeitar com desprezo os seus offerecimentos.

Então, com um simples golpe, o imperador degollou o velho; a cabeça voou, saltando por sobre as pedras do legedo, endireitou-se um instante, saccudiu-se como para ainda dizer que não, e finalmente inclinou-se toda d'um lado e os olhos apagaram-se, emquanto que a mumia de ouro cahia, vertendo pelo buraco aberto do pescoço, qual um batoque, borbutões de sangue.

E Heraclius mandou enterrar o soberano e destruir-lhe a torre.

— Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto.

Todos os monges erguidos deante dos cadeiraes estavam dobrados ao meio, a fronte tocando quasi na estante collocada na sua frente; endireitaram-se depois, respondendo: *Sicut erat in principio, e se sentaram de novo, terminando: et in sæcula sæculorum, Amen.*

E' um absurdo divagar d'esta sorte, pensou Durtal; melhor faria eu em seguir as Vesperas do que correr assim á tôa, a proposito d'uma festa, cuja lenda é de mais a mais controversia; a historia, porém, é mais simples.

Em 611, o rei dos Persas, Khosroés submetteu Jerusalem com o auxilio dos judeus que pretendiam reconstruir o templo; degollou os christãos, fez prisioneiro o summo sacerdote Zacharias e apoderou-se do madeiro da verdadeira cruz. Levantou-se então uma cruzada de catholicos contra este infiel.

O imperador Heraclio desembarca na Cilicia, ganha a batalha de Issus, volta a Constantinopla, e, sustentado pelas tribus do Caucaso, precipita-se sobre Trebizonda, onde, para vingar o morticínio dos padres da Judeia, massacra os magos; em seguida, depois de ter-se aliado com as hordas do Volga, marcha de novo contra o exercito dos Persas, bate-o em Ninive e retira sobre Taurus.

São-lhe ahí apresentadas propostas de paz por Sisrocés, o filho do rei, o qual acaba de assassinar seu pae; são estas acceites; o sacerdote Zacharias é solto e restituídas a Cruz e as aguias romanas conquistadas em Jerusalem por Khosrcés.

Assim este monarcha teria sido trucidado por seu filho, sem que houvesse questão d'uma torre architectada e d'um gallo.

Quanto a Heraclio, resolveu tornar a pôr o Signal da Salvação no santo Sepulchro; assim que chegou a Jerusalem carregou com a cruz aos hombros e quiz começar a ascensão do Golgotha; mas, quando chegou á porta da cidade que deita para a montanha, foi-lhe impossivel dar um passo. Então o patriarcha Zacharias fez-lhe observar que, quando Christo tinha entrado por esta porta, não ia vestido com os trages reaes, mas sim singe-

lamente, e montado sobre uma jumenta, dando assim um exemplo de humildade aos seus.

O imperador despojou-se immediatamente da sua purpura, descalçou as sandalias e cobriu-se com os andrajos d'um pobre; depois d'isto, transpoz sem difficuldade a encosta do Calvario e repôz a cruz no proprio lugar d'onde Khosroés a tirara.

Isto não impede que este bom Heraclio tenha acabado mal, concluiu Durtal, porque propagou a heresia dos monothelitas, isto é, d'aquelles que, reconhecendo a natureza divina e a natureza humana de Jesus, não attribuiam a estas duas naturezas distinctas senão uma só operação... uma só vontade... e morreu, deixando successores tornados celebres pelas suas desvergonhas e pelos seus crimes.

E eis o bastante; voltemos agora ao nosso officio. Foi-lhe facil d'esta vez recuperar-se; o côro cantava o hymno de Fortunat, o «Vexilla Regis», e a revoadá soberba d'esta sequencia, a desfilada d'estas estrophes, carreado impetuoso e tropheus, trespassavam-no até á medula. Escutava, extasiado, estes gritos de triumpho: «o estandarte do Soberano avança, eis que resplende o mysterio da cruz» e estas apostrophes debellatorias, estes clamores de jubilo: «arvore alvinitente, avermelhada pelo sangue d'um Deus» «balança em cujos braços se suspende o resgate do mundo, salve, oh cruz, esperança unica!»

E continuou a longa antiphona da Magnificat, repetindo as aclamações e os louvores do poeta: «oh cruz, mais radiosa que os astros, doce lenho, doces cravos, sustentando um peso ainda mais doce... e a Magnificat cantada em tom solemne e a Salve Rainha chamando a creatura á realidade do peccado, implorando após os hurrahs liturgicos o seu perdão...

Trad. de B. da COSTA PEREIRA.



As nossas gravuras

Affonso d'Albuquerque

(2.º Vice-rei da India)

Foi Affonso d'Albuquerque o maior vulto dos nossos annaes indianos. Dos seus feitos grandiosos fallam bem alto as antigas chronicas portuguezas.

A vida d'este heroe foi realmente uma maravilha. Era assombroso o seu poder e prestigio em todo o Oriente, a ponto de os reis mussulmanos procurarem a sua alliança ou a sua protecção, dando assim celebridade ao nome portuguez. Nos «Commentarios» se vê que tinha largos conhecimentos geographicos e que foi o primeiro europeu que conheceu a existencia do sanscrito, a par d'uma grande erudição litteraria.

O plano que chegou a formar de desviar o curso do Nilo, aniquilando assim o Egypto, mostra que Albuquerque pertencia á familia dos grandes genios como Alexandre e Napoleão.

Foi este heroe que traçou o plano grandioso da fundação d'um grande imperio luso-indiano. As tomadas de Goa, Malaca e Ormuz foram o seu inicio.

No auge do seu fastigio começaram a acabrunhal-o os desgostos. O rei D. Manoel mandava ser substituido no governo da India por um seu inimigo, Lopo Soares d'Albergaria, uma verdadeira nullidade.

Isto deu lugar á famosa phrase de Albuquerque: «Mal com os homens por amor de el-rei, e mal com o rei por amor dos homens.»

Quando recebeu esta noticia navegava para Goa a bordo da nau «Flor da India», levando no seio o germen da morte. A' vista d'esta esplendida cidade oriental, ao entrar na sua barra, Albuquerque expirou a 19 de dezembro de 1516.

A historia deu a este vulto o nome de *Grande* e a posteridade conservar-lh'o-ha, recordando os seus feitos gloriosos.

Affonso d'Albuquerque, elevado a toda a altura da sua soberbamagestade, do seu valor inexcedivel e do seu caracter sem mancha, cobre a patria com o esplendor vivissimo que irradia e deixa que os lampejos fulgurantes da sua espada intrepida vão illuminar a coroa que cinge a fronte do rei afortunado.

D. João de Castro

(4.º Vice-rei da India)

Eis outro grande heroe da nossa epopeia indiana, incontestavelmente o verdadeiro modello da austeridade, do valor e da honradez cavalheiresca.

Nenhum dos varões antigos da Grecia e Roma se lhe equiparam na grandeza das suas virtudes civicas.

D. João de Castro, descendente de nobre estirpe, nasceu em Lisboa a 19 de fevereiro de 1500, sendo filho de D. Affonso de Castro e de D. Leonor de Noronha.

Teve por mestre o celebre mathematico Pedro Nunes. Fez parte da armada portugueza que auxiliou Carlos V na expedição de Tunis, onde se revelou notavelmente.

Voltando ao reino, recolheu-se a Cintra, onde o foi buscar uma ordem de D. João III para governar a India na qualidade de vice-rei, embarcando em Lisboa a 17 de março de 1545, em companhia dos seus gloriosos filhos D. Alvaro e D. Fernando.

Defendeu Goa contra o Hidal-Khan e Diu contra Cege Sefar, no segundo cerco. D'este memoravel cerco, o maior e mais admiravel das nossas guerras indianas, é bem conhecida a sua historia para entrarmos em detalhes.

Destruidas as suas muralhas tiveram de lutar sitiadores e sitiados, corpo a corpo, peito a peito, até que a chegada do ultimo reforço, commandado em pessoa por D. João de Castro, derrotou completamente os inimigos.

E' então que apparece o mais extraordinario exemplo de honradez de que resa a historia.

Precisando na occasião do dinheiro necessario para a restauração das muralhas de Diu, tentou desenterrar os ossos de seu filho D. Fernando, que morrera abrasado na defesa d'um baluarte minado, para os dar em penhor da sua palavra; mas, não o podendo fazer, deu alguns cabellos da sua barba em signal!

Após a victoria, continuou D. João de Castro na manutenção do nosso grande imperio indiano, vencendo ainda outra vez o Hidal-Khan, a quem tomou os territorios de Bardez e Salcete, destruindo-lhe todos os portos.

D. João III quiz recompensar d'um modo magnanimo taes serviços; mas tarde fôram para o heroico vice-rei da India. Mais gasto pelos trabalhos do que pelos annos, enfermou d'um modo tão grave, que morria christamente nos braços de S. Francisco Xavier, em Goa, aos 6 de junho de 1558, com 58 annos de idade.

Morreu tão pobre que pouco antes de morrer disse aos do seu conselho que não havia em casa dinheiro com que se lhe comprasse uma gallinha!

Os seus ossos vieram para o reino e foram sepultados no convento de S. Domingos de Bemfica.

D. Francisco d'Almeida

(1.º Vice-rei da India)

D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei e capitão general da India, cavalleiro de S. Thiago e commendador de Christo, nasceu em Lisboa.

Desde muito novo dedicou-se ao exercicio das armas, assistindo á tomada de Granada, onde pelejou intrepidamente. Tamanha reputação alcançou o valoroso soldado, que os reis catholicos, Fernando e Isabel, quizeram recompensal-o largamente. D. Francisco, porém, nada acceitou, e este desinteresse tanto agradou ao nosso rei D. João II, que o convidou a assentar-se á mesa real, honra que este monarcha dispensava a bem poucos.

Tendo em 1493 chegado a Lisboa Christovão Colombo que ás ordens dos reis de Castella havia descoberto as Antilhas, mandou o nosso rei D. João II preparar uma armada afim de impedir os progressos dos hespanhoes. D. Francisco d'Almeida foi feito capitão d'essa armada, mas a expedição não se effectuou por haver sido a questão decidida amigavelmente por meio de embaixadores.

Governando já D. Manoel, e sendo descoberta a India por Vasco da Gama quiz este venturoso monarcha, para melhor fazer guerra aos mouros e estabelecer commercio com os gentios, enviar alli, no anno de 1505, uma consideravel armada e crear governo definitivo, nomeando commandante d'ella a D. Francisco d'Almeida.

As suas acções, durante o periodo de quatro annos que governou a India, só lhe grangearam fama e gloria. D. Francisco d'Almeida fez temido o nome portuguez pelas suas victorias e triumphos em todas as partes da India.

Em meio de tamanhos triumphos, conquistados gloriosamente com o maximo desinteresse, por baixo dos tiros das bombardas, pelouros e outras terriveis armas de guerra contra soldados adextrados, veio a acabar lastimosamente ás mãos de cafres desarmados, sem disciplina e sem valor.

O seu cadaver foi enterrado na praia e não consta que fôsse posteriormente descoberto e trasladado a Portugal. Todavia diz um escriptor da antiguidade que elle se acha na igreja do Espinheiro, em Evora, em um tumulo que tem a seguinte epigraphe: «Aqui jaz D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei da India, que nunca mentiu nem fugiu.»



Boletim scientifico

O systema Kneipp

Vamos dedicar o presente boletim á hydrotherapia do Abbade Kneipp, que tanta voga tem tido, descrevendo-a d'uma maneira succinta.

A theoria kneippiana não está scientificamente estabelecida. Parte do principio de que toda a alteração morbida local deriva d'uma desordem geral de todo o organismo, e que é sobre este conjuncto que deve ser applicado o tratamento logo desde o começo, o que se pôde muito bem admitir e defender á face da sciencia medica.

O Abbade Kneipp limitou-se simplesmente, em seus livros e lições, na mera exposição dos factos. Assim, o seu systema tem por fim «reduzir as substancias morbidas, eliminal-as do corpo humano, e fortificar o organismo.»

Os primeiros conselhos que dá consiste em dois pontos principaes: o andar, nos passeios, com os pés descalços, e a applicação da agua sem se enxugar.

A respeito do primeiro ponto, diz Kneipp: «Os pés, assim como as mãos, precisam de respirar livremente de vez em quando, expondo-os ao ar fresco e movendo-os n'elle.»

A principio uma pessoa pôde conservar as meias e calçar chinellas, até que por fim as tira. Algumas semanas passadas, por uma especie de habito, chega-se a ter os pés em agua fria por espaço d'alguns minutos, subindo ella a pouco e pouco até á barriga das pernas, ou caminhar por 1 a 3 quartos d'hora sobre a grada ou herva molhada, que pôde ser substituída por feno, saccoes ou lageado molhado.

Mais tarde, porém, chega-se a passear sobre a neve cahida de pouco, de meia a hora e meia. N'este caso é preciso estar se bem quente antes da operação e ainda que temperatura ambiente esteja acima de zero. Para o mesmo fim de enrijamento tambem prescreve o banho dos joelhos.

Sobre o segundo ponto, recommenda que apoz o passeio descalço se sacuda apenas a terra dos pés; em seguida calçam-se as meias e os sapatos e caminha-se ligeiro por espaço de 1 quarto d'hora em terreno pedregoso. Depois d'uma applicação d'agua, o individuo em tratamento apenas enxuga as mãos, veste-se em seguida com rapidez e movimenta-se até que o corpo se torne enxuto e volte ao calor normal.

Os meios hydrotherapicos que emprega o Abbade Kneipp são a agua bebida, os banhos simples e de vapor, as loções, effusões, envoltorios e compressas. Faz uso da agua pura, decocções vegetaes, em especial de flores de feno, fentos e palha d'aveia, e agua avinagrada.

Eis as suas prescripções sobre os banhos: Os banhos de agua fria são sempre de pouca duração (3 minutos). O doente, antes de entrar no banho, deve pôr em desenvolvimento o seu calor natural, não sendo contra-indicação a transpiração ou suor ligeiro. No caso que haja frio ou medo dos banhos não se deve tomal-os. Para isso usa-se o meio banho, em que o doente, com agua até á cinta, borrija a parte superior do corpo.

E', pois, um meio de enrijar, e é preconizado ás pessoas fracas e ás que sofrem do baixo ventre.

O semicupio é composto d'uma decocção de aveia ou flores de feno, e emprega-se duas vezes na semana nos casos de hemorrhoidas, fistulas, asiás e affecções nas vias urinarias.

O banho geral—de curtissima duração—emprega-se como meio de conservação da saude e nas doenças eruptivas (febre typhoide, escarlatina, etc).

O banho geral quente é quasi sempre preparado com uma decocção de flores de feno, palha de aveia ou rama de pinheiro; mas é applicado raramente e sempre seguido d'uma applicação fria repetida. E' assim o banho alternado triplo, que se compõe de tres series de 10 minutos em agua quente e de 1 minuto de agua fria, terminando por uma applicação fria.

Os banhos aos pés, de 1 a 3 minutos quando frios, e de 15 minutos quando quentes, seguidos d'um banho frio de 30 segundos, são empregados a miude como derivativos.

Os banhos de vapor, parciais, são sempre misturados comervas aromaticas, como salva, sabugueiro, hortelã, urtiga branca, funcho, tanchagem, etc. O doente, embrulhado n'um cobertor para evitar a perda de vapor, expõe á acção d'este, a cabeça, o peito, os pés ou qualquer outra parte do corpo. Termina esta operação, que dura 20 a 25 minutos, por uma lavagem ou banho frio.

(Conclue)

DR. * * *

Secção poetica

Jesus (1)

O Cordeiro de Deus, o Filho amado
Do Creador de tudo, omnipotente,
A quem tudo se curva, reverente,
Pelo universo todo venerado;

O Rei dos reis, o principe sagrado,
O supremo Juiz, justo e clemente,
Sem principio nem fim, que eternamente
Hade estar sobre todos exaltado;

Aquelle que é a mesma Divindade,
Que tem de Deus a mesma natureza,
O puro, o casto, o immaculo Jesus,

Revestiu-se da nossa humanidade,
Soffreu ultrages, supportou pobreza,
E para nos salvar morreu na Cruz!

* * *



Retrospecto da Quinzena

E'-nos summamente grato registrar aqui factos como os que em seguida archivamos.

O Nosso SS. Padre Pio X acaba de agraciarr os vultos eminentes que em Portugal ha bem pouco pugnaram valorosamente pelos direitos da Igreja conculcados.

Os venerandos Prelados de Evora, Algarve e Coimbra foram condecorados com uma medalha de ouro que S. Santidade costuma mandar cunhar em dia de S. Pedro.

Ao rev.^o conego Homem de Gouveia, o distincto deputado nacionalista, coube uma medalha de prata, pela sua attitude energica no parlamento.

O illustre director da «Palavra», snr. Manoel Fructuoso da Fonseca, em commemoração dos seus 25 annos de vida jornalística, foi agraciado com a grã-cruz de S. Gregorio Magno.

Todos estes nobilissimos actos de S. Santidade, premian-do os nossos valorosos capitães, callaram fundamente em todos os peitos, porque deixaram francamente transparecer a estima e interesse que em Roma se vota ás cousas portuguezas.

Pela nossa parte congratulamo-nos immenso por vermos tão bem galardoados os muitos e assignalados serviços que os agraciados prestaram á santa causa da Igreja, pelo que lhes enviamos sincerissimos parabens.

Chamamos a attenção da imprensa e do clero para o seguinte communicado, que é do maior interesse para o clero portuguez.

Na imprensa tem apparecido alguns alvitres quanto á acção do clero parochial do paiz no actual momento, para que seja attendido nas justas reivindicacões, expressas nas representacões, que tem dirigido a Sua Magestade.

Estamos auctorisados a declarar que a commissão do clero parochial do concelho de Guimarães, depois de ponderar attentamente o assumpto, entende:

(1) Poesia recitada pelo menino Antonio Ruy na academia litterario-musical no salão da Associação Catholica d'esta cidade, no dia 11 de junho passado, promovido pelo Circulo Catholico de Operarios em honra do Sagrado Coração de Jesus.

1.º que deve adherir, como adhere, ao alvitre da celebração d'uma assemblea geral de todo o clero parochial do paiz, representado por seus delegados, nomeadas por concelhos ou por arciprestados;

2.º que esta reunião geral deve realizar-se no mez de outubro proximo, na cidade de Braga, seja ou não seja dissolvida a actual camara dos srs. deputados;

3.º que entre outras deliberações n'ella deva eleger-se uma commissão permanente, que defenda as justas reivindicações do clero parochial e discuta, com o fim de aperfeiçoá-la, qualquer proposta sobre dotação do clero, que ao parlamento seja apresentada pelo sr. ministro dos negocios ecclesiasticos;

4.º que seja publicado pela imprensa este parecer, para que seja discutido pelos interessados, e para que até 15 de setembro proximo o clero parochial de todo o paiz declare se a elle adhere ou não adhere, o que poderá fazer por meio da imprensa ou por outra qualquer via, que julgar mais conveniente, e por um ou mais parochos de cada arciprestado ou concelho, auctorisados pela classe parochial da respectiva circumscripção.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. Arcebispo da Guarda, indo a Poiares, em visita a sua estremecida mãe, adoeceu gravemente.

Felizmente já se encontra em franca convalescência e a sua enfermidade não inspira cuidados serios.

Fazemos sinceros votos pelo completo restabelecimento do muito zeloso prelado da Guarda, sr. D. Manoel Vieira de Mattos.

Julio Monzó, o brilhante redactor do *Correio Nacional*, foi condemnado ha pouco tempo pelos tribunaes, em virtude d'um artigo publicado n'aquelle nosso collega lisbonense. O motivo allegado foi o de abuso da liberdade de imprensa.

Parece, porém, que o illustre jornalista foi victima antes d'uma vingança occulta.

Já que Monzó teve ensejo de dar uma publica mostra da sua energia e firmeza de crenças, receba o nosso sincero parabem.

Recebemos do venerando Prelado do Algarve uma *Carta Pastoral acerca da Encyclica do SS. Padre Pio X de 15 de abril de 1905*.

E' um precioso commentario ao documento pontificio sobre o ensino da catechese.

A s. ex.^a rev.^{ma} os nossos agradecimentos pela offerta.

Foi agraciado pelo governo com titulo de Visconde de S. Bartholomeu de Messines o sr. José do Espirito Santo Battaglia Ramos, primoroso escriptor, character de verdadeiro catholico e filho do saudoso poeta João de Deus.

Enviemos os nossos parabens ao agraciado pela distincção que lhe foi conferida e de que é bem digno.

Lemos n'uma revista catholica do estrangeiro o formosissimo trecho que segue:

«Eu quizera que, assim como em outro tempo se reparia comida aos pobres, nas portas dos conventos, assim se distribuisse hoje nas portas das egrejas o *jornal catholico*.

Eu quizera que os testadores orentes deixassem legados para a diffusão de *diarios catholicos*.

Eu quizera que nas lojas, armazens, pharmacias, officinas, em summa, em todos os logares de venda, se pudesse fazer uso do *boletim catholico*, como se faz provisão dos generos necessarios á manutenção da vida.

Eu quizera que no livro de contas de cada familia se

encontrasse esta verba:—*Para a assignatura do jornal catholico*.

Eu quizera que meus companheiros na fé se compenetrassem bem d'esta verdade: *A má imprensa, eis o inimigo*.

Eu quizera ter os bolsos cheios de paginas avulsas ou folhas soltas, *todas catholicas*, para distribuil-as nos carros, nas ruas, nas visitas, nos templos, nos mercados, nas escolas, em toda a parte.

Eu quizera que nenhum pobre pudesse soltar esta queixa: *Não leio jornaes catholicos, porque não tenho dinheiro para compral-os*.

Eu quizera que quando passasse pelas ruas, toda a minha popularidade, a minha recommendação, a minha fé de officio, fôsse designados por estas palavras: *Olha, ahí vae un jornalista catholico*.

Eu quizera, que quando no seio da terra, a mão dum meu amigo grave ao pé da cruz que guardar a minha transitoria morada esta inscripção: *Aqui espera a esmola de uma oração um jornalista catholico*.

Aos nossos distinctos collegas na imprensa catholica, *Correio da Tarde* (Funchal) e *Democracia Christã* (Lisboa) agradecemos as transcripções que da nossa revista fazem, o primeiro do *Boletim scientifico*, e o segundo da *Secção social-christã*.

Do illustre director do Seminario de S. Antonio e S. Luiz Gonzaga (Braga) recebemos um bem elaborado e elucidativo relatorio do aproveitamento dos seminaristas, seguido de uma longa lista de nomes dos bemfeitores. Por esse documento se vê o extraordinario desenvolvimento que nos ultimos tempos tem attingido a importante casa de ensino, pois que no anno lectivo de 1904-1905, 109 alumnos fizeram 207 exames com excellente qualificações.

E' isto uma grande consolação não só para o rev.^{mo} director e mais illustres professores, mas tambem para os dedicados bemfeitores do Seminario, que certamente não deixarão de continuar a prestar todo o auxilio de que carece tão utilissima casa de educação. São esses os nossos votos.

Ao illustre director Monsenhor Joaquim Fernandes Lopes e a todos os illustrados professores enviamos os nossos cordeas parabens pelo optimo aproveitamento dos seminaristas.



Bibliographia

● **Evangelho**, explicado, defendido, meditado ou exposição exegetica, apologetica e homiletica da Vida de N. S. Jesus Christo, pelo Padre Dehaut. Recebemos os fasciculo 16.º e 17.º d'esta importante obra, cuidadosamente traduzida pelo rev.^{mo} snr. padre Antonio Gomes Pereira, dig.^{mo} professor do Lyceu Central do Porto. O fasciculo 16.º occupa se da *Vocação de S. Matheus*, da *Questão do Jejum*, da *Murmuração dos Phariseus contra os Discipulos de Jesus*, da *Cura d'um paralytico*, da *Seleção dos seus doze Apostolos*, e por ultimo inicia a analyse do celebre *Sermão da Montanha*.

O fasciculo 17.º continúa a commentar desenvolvimento o incomparavel *Sermão da Montanha*, em seus aspectos apologetico, synoptico, pratico e homiletico, occupando se apenas com a analyse dos quarenta e oito versiculos do capitulo quinto de S. Matheus, e iniciando o capitulo seguinte. Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42-1.º—Porto. Preço de cada fasciculo 100 reis.

EXPEDIENTE

Até ao fim do presente mez de setembro vamos enviar para o correio os saques da importância das assignaturas em divida.

Aos nossos estimaveis assignantes, que ainda não pagaram as suas assignaturas, pedimos encarecidamente que attendam a esta circumstancia.

A imprensa catholica carece da protecção dos seus assignantes, e estes poderão protegê-la muitissimo com o pagamento integral das suas assignaturas.

Logo que todo o assignante faz tenção de pagar a sua assignatura, que lhe custará antecedente ao seu pagamento?

Repetimos ainda: esperamos o pagamento integral de todas as assignaturas em divida, porque a imprensa catholica é o grande fanal da Igreja nos tempos calamitosos que vão correndo, e aos catholicos impende o grande dever da sua conservação e progredimento.

Quem faltar a este dever trahe a sua missão, e é réu d'uma grande responsabilidade.

Os recibos de Braga e suas vizinhanças estarão em breve em poder do ex.^{mo} snr. Pereira Villela, da rua da Rainha.

Desde já agradecemos as attenções a este nosso instante pedido.

ANNUNCIOS

FLORES DO CLAUSTRO E ARRULHOS DE POMBA

(Vida intima d'uma andalusa capuchinha)

Traduzida da quinta edição hispanhola

PELO

PADRE MANUEL MARINHO

Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. ANTONIO
Bispo do Porto

Preço . . . 200 reis

TUDO POR JESUS

OU

Caminhos faceis do amor divino

PELO

REV. PADRE FREDERICO WILLIAM FABER

SUPERIOR DO ORATORIO DE S. PHILIPPE DE NERY (DE LONDRES)
DOUTOR EM THEOLOGIA

Obra traduzida do Inglez para o francez

POR

M. DE BERNHARDT

E D'ESTA LINGUA VERTIDA PARA O PORTUGUEZ

POR

F. PRETO PACHECO

2.^a EDIÇÃO

Com approvação e recommendação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. Antonio, Bispo do Porto

Preço, brochado, 600 reis—Encadernado, 800 reis

IMITAÇÃO DE CHRISTO

3.^a NOVISSIMA EDIÇÃO

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrin, douradas	1\$000 »

PARECER DADO PELO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. DR. CONEGO COELHO DA SILVA
VIGARIO GERAL DA DIOCESE, SOBRE ESTA OBRA:

«Li attentamente esta nova edição da *Imitação de Christo*.

«O que é a *Imitação de Christo*, um dos livros mais admiraveis se não o mais admiravel saído das mãos do homem, não é para aqui dizê-lo.

«Quanto á nova traducção e notas, o nome do Rev.^{mo} Padre Manuel Marinho é garantia segura de que esta obra é uma das mais perfectas. Effectivamente a traducção foi confrontada com o texto latino, é fiel, concisa e intelligivel para todos.

«As notas, que acompanham os capitulos, são taes que alguma, vezes pareçam exceder o proprio 'text'.

Assim formulava o meu juizo em 10 d'abril de 1901. Agora nada tenho a acrescentar relativamente a esta 3.^a edição. O esgotamento de duas edições em tão pouco tempo é de per si eloquente.

Porto, 10 d'outubro de 1904.

CONEGO COELHO DA SILVA.

Em vista do parecer junto approvamos esta edição da *Imitação de Christo* e concedemos **30 dias de indulgencia** pela leitura de cada capitulo.

Porto, 12 de outubro de 1904.

† ANTONIO, BISPO DO PORTO.

Pedidos á casa editora FONSECA—Rua da
Pizaria, 74—Porto e ás principaes livrarias.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,

Industrial de Lisboa de 1888

e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados
paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e
falsc; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes
Portuguezas.